

LIBERDADE E O FUTURO DA INTERNET

CYPHERPUNKS



Capa da edição de 13 dez. 2010 da revista norte-americana *Time*, com matérias sobre Julian Assange e o WikiLeaks.

LIBERDADE E O FUTURO DA INTERNET

CYPHERPUNKS

JULIAN ASSANGE

COM JACOB APPELBAUM, ANDY MÜLLER-MAGUHN E JÉRÉMIE ZIMMERMANN

TRADUÇÃO CRISTINA YAMAGAMI

Copyright © Julian Assange, 2012

Copyright desta tradução © Boitempo Editorial, 2013

Traduzido do original em inglês *Cypherpunks: freedom and the future of the internet*
publicado nos Estados Unidos pela OR Books LLC, Nova York

Coordenação editorial

Ivana Jinkings

Editora-adjunta

Bibiana Leme

Assistência editorial

Alícia Toffani e Livia Campos

Tradução

Cristina Yamagami

Consultoria técnica

Pablo Ortellado

Preparação

Thaisa Burani

Capa e guardas

Ronaldo Alves Filho

sobre imagem do vídeo “Collateral Murder”

(foto de Julian Assange na quarta capa: Allen Clark)

Diagramação

Crayon Editorial

Produção

Livia Campos

É vedada a reprodução de qualquer
parte deste livro sem a expressa autorização da editora.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C996

Cypherpunks : liberdade e o futuro da internet / Julian Assange ... [et al.] ;
tradução Cristina Yamagami. - São Paulo : Boitempo, 2013.

Tradução de: Cypherpunks: freedom and the future of the internet
ISBN 978-85-7559-307-3

1. WikiLeaks 2. Política internacional 3. Política econômica 4. Internet
- Aspectos sociais. I. Assange, Julian, 1971-.

13-0102.

CDD: 327

CDU: 327

07.01.13 08.01.13

041946

Este livro atende às normas do acordo ortográfico em vigor desde janeiro de 2009.

1^a edição: fevereiro de 2013

BOITEMPO EDITORIAL

Jinkings Editores Associados Ltda.

Rua Pereira Leite, 373

05442-000 São Paulo SP

Tel./fax: (11) 3875-7250 / 3872-6869

editor@boitempoeditorial.com.br

www.boitempoeditorial.com.br

O QUE É UM CYPHERPUNK?

Os cypherpunks defendem a utilização da criptografia e de métodos similares como meio para provocar mudanças sociais e políticas¹. Criado no início dos anos 1990, o movimento atingiu seu auge durante as “criptoguerras” e após a censura da internet em 2011, na Primavera Árabe. O termo *cypherpunk* – derivação (criptográfica) de *cipher* (escrita cifrada) e *punk* – foi incluído no *Oxford English Dictionary* em 2006².

¹ De maneira simplificada, a palavra “criptografia” tem origem no termo grego para “escrita secreta” e designa a prática de se comunicar em código.

² “Oxford English Dictionary Updates Some Entries & Adds New Words; Bada-Bing, Cypherpunk, and Wi-Fi Now in the OED”, *ResourceShelf*, 16 set. 2006, disponível em: <<http://web.resourceshelf.com/go/resourceblog/43743>>. Acesso em 24 out. 2012.

NOTA DA EDIÇÃO

Esta edição de *Cypherpunks – liberdade e o futuro da internet*, a primeira a ser lançada na América Latina, vem acrescida de um prefácio especial de Julian Assange, inédito até sua publicação no Brasil.

Tendo por base uma conversa entre os quatro autores, o texto foi depois reelaborado por eles a fim de esclarecer passagens que poderiam soar confusas. Também foram acrescidas notas explicativas em pontos-chave, porém a ordem do manuscrito, em geral, é a mesma do diálogo original.

Nesta tradução, optou-se por verter os termos “whistleblowing” e “whistleblower” para “denúncia” e “denunciante”, respectivamente. Ainda sem tradução consensual na área do jornalismo investigativo brasileiro, os termos fazem referência a membros de organizações, empresas ou governos que denunciam por livre e espontânea vontade as mazelas do sistema na esperança de que elas sejam solucionadas.

O termo “cypherpunk”, por sua vez, pode ser traduzido em português como “criptopunk” (ver explicação na p. anterior). Não obstante, optou-se nesta edição por mantê-lo em sua forma original, internacionalmente utilizada, em razão das ligações estabelecidas no texto com o movimento Cypherpunk e a lista de discussões on-line de mesmo nome.

Agradecemos a colaboração da jornalista Natalia Viana, na elaboração da apresentação à edição brasileira, e do professor da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo Pablo Ortellado, na consultoria técnica desta edição.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| APRESENTAÇÃO: O WikiLeaks e as batalhas digitais DE JULIAN ASSANGE – <i>Natalia Viana</i> | 9 |
| PREFÁCIO PARA A AMÉRICA LATINA – <i>Julian Assange</i> | 19 |
| INTRODUÇÃO: UM CHAMADO À LUTA CRIPTOGRÁFICA – <i>Julian Assange</i> | 25 |
| OS AUTORES..... | 31 |
| I. OBSERVAÇÕES SOBRE AS VÁRIAS TENTATIVAS DE PERSEGUIÇÃO AO WikiLeaks E ÀS PESSOAS A ELE ASSOCIADAS | 37 |
| 2. MAIOR COMUNICAÇÃO <i>VERSUS</i> MAIOR VIGILÂNCIA | 43 |
| 3. A MILITARIZAÇÃO DO CIBERESPAÇO..... | 53 |
| 4. COMBATENDO A VIGILÂNCIA TOTAL COM AS LEIS DO HOMEM | 63 |
| 5. ESPIONAGEM PELO SETOR PRIVADO | 71 |
| 6. COMBATENDO A VIGILÂNCIA TOTAL COM AS LEIS DA FÍSICA..... | 79 |
| 7. INTERNET E POLÍTICA..... | 85 |
| 8. INTERNET E ECONOMIA | 101 |
| 9. CENSURA..... | 121 |
| 10. PRIVACIDADE PARA OS FRACOS, TRANSPARÊNCIA PARA OS PODEROSOS..... | 143 |
| 11. RATOS NA ÓPERA..... | 149 |
| CRONOLOGIA WikiLeaks | 159 |

INTRODUÇÃO

UM CHAMADO À LUTA CRIPTOGRÁFICA

Este livro não é um manifesto. Não há tempo para isso. Este livro é um alerta.

O mundo não está deslizando, mas avançando a passos largos na direção de uma nova distopia transnacional. Esse fato não tem sido reconhecido de maneira adequada fora dos círculos de segurança nacional. Antes, tem sido encoberto pelo sigilo, pela complexidade e pela escala. A internet, nossa maior ferramenta de emancipação, está sendo transformada no mais perigoso facilitador do totalitarismo que já vimos. A internet é uma ameaça à civilização humana.

Essas transformações vêm ocorrendo em silêncio, porque aqueles que sabem o que está acontecendo trabalham na indústria da vigilância global e não têm nenhum incentivo para falar abertamente. Se nada for feito, em poucos anos a civilização global se transformará em uma distopia da vigilância pós-moderna, da qual só os mais habilidosos conseguirão escapar. Na verdade, pode ser que isso já esteja acontecendo.

Muitos escritores já refletiram sobre o que a internet significa para a civilização global, mas eles enganaram-se. Enganaram-se porque não têm a perspectiva da experiência direta. Enganaram-se porque nunca se viram cara a cara com o inimigo.

Nenhuma descrição do mundo sobrevive ao primeiro contato com o inimigo.

Nós nos vimos cara a cara com o inimigo.

Ao longo dos seis últimos anos, o WikiLeaks entrou em conflito com praticamente todos os Estados mais poderosos. Conhecemos o novo Estado da vigilância do ponto de vista de um *insider*, porque investigamos seus segredos. Conhecemos-no da perspectiva de um combatente, porque tivemos de proteger nosso pessoal, nossas finanças e nossas fontes de seus ataques. Conhecemos-no de uma perspectiva global, porque temos pessoas, recursos e informações em praticamente todos os países do mundo. Conhecemos-no da perspectiva do tempo, porque temos comba-

tido esse fenômeno há anos e o vimos multiplicar-se e disseminar-se, vez após vez. Trata-se de um parasita invasivo, que engorda à custa de sociedades que mergulham na internet. Ele chafurda pelo planeta, infectando todos os Estados e povos que encontra pela frente.

O que pode ser feito?

Era uma vez, em um lugar que não era nem aqui nem lá, alguns construtores e cidadãos da jovem internet – nós –, que conversaram sobre o futuro do nosso novo mundo.

Vimos que os relacionamentos entre todas as pessoas seriam mediados pelo nosso novo mundo – e que a natureza dos Estados, definida pelo modo como as pessoas trocam informações, valores econômicos e força, também mudaria.

Vimos que a fusão entre as estruturas estatais existentes e a internet criava uma abertura para mudar a natureza dos Estados.

Antes de tudo, lembre-se de que os Estados são sistemas através dos quais fluem as forças repressoras. Facções de um Estado podem competir entre si por apoio, levando ao fenômeno da democracia aparente, mas por trás dessa fachada se encontram, nos Estados, a sistemática aplicação – e fuga – da violência. Posse de terras, propriedades, arrendamentos, dividendos, tributações, multas impostas por decisão judicial, censura, direitos autorais e marcas registradas, tudo isso se faz cumprir por meio da ameaça de aplicação da violência por parte do Estado.

Em geral nem chegamos a nos conscientizar de quão próximos estamos da violência, porque todos nós fazemos concessões para evitá-la. Como marinheiros a favor do vento, raramente percebemos que, abaixo da superfície visível do nosso mundo, se esconde uma grande escuridão.

No novo espaço da internet, qual seria o mediador das forças repressoras?

Será que tem sentido fazer essa pergunta? Nesse espaço sobrenatural, nesse reino aparentemente platônico de ideias e fluxo de informações, será que a noção de forças repressoras conseguiria sobreviver? Será mesmo possível existir uma força capaz de alterar os registros históricos, grampear telefones, separar pessoas, transformar a complexidade em escombros e erigir muros, como um exército de ocupação?

A natureza platônica da internet, das ideias e dos fluxos de informações, é degradada por suas origens físicas. Ela se fundamenta em cabos de fibra óptica que cruzam oceanos, satélites girando sobre nossa cabeça, servidores abrigados em edifícios, de Nova York a Nairóbi. Da mesma forma como o soldado que assassinou Arquimedes com uma simples espada*, uma milícia armada também

* Provável referência a uma das versões da morte do pensador grego Arquimedes (287 a.C.-212 a.C.), segundo a qual ele se encontrava tão absorto em diagramas traçados na areia que não percebeu a invasão romana da cidade de Siracusa e foi assassinado por um soldado. (N. T.)

poderia assumir o controle do auge do desenvolvimento da civilização ocidental, nosso reino platônico.

O novo mundo da internet, abstraído do velho mundo dos átomos concretos, sonhava com a independência. No entanto, os Estados e seus aliados se adiantaram para tomar o controle do nosso novo mundo – controlando suas bases físicas. O Estado, tal qual um exército ao redor de um poço de petróleo ou um agente alfandegário forcingo o pagamento de suborno na fronteira, logo aprenderia a alavancar seu domínio sobre o espaço físico para assumir o controle do nosso reino platônico. O Estado impediria nossa tão sonhada independência e, imiscuindo-se pelos cabos de fibra óptica, pelas estações terrestres e pelos satélites, iria ainda mais longe, interceptando em massa o fluxo de informações do nosso novo mundo – a sua própria essência –, ao mesmo tempo que todos os relacionamentos humanos, econômicos e políticos o receberiam de braços abertos. O Estado se agarraria como uma sanguessuga às veias e artérias das nossas novas sociedades, engolindo sofregamente todo relacionamento expresso ou comunicado, toda página lida na internet, todo e-mail enviado e todo pensamento buscado no Google, armazenando esse conhecimento, bilhões de interceptações por dia, um poder inimaginável, para sempre, em enormes depósitos ultrassecretos. E passaria a minerar incontáveis vezes esse tesouro, o produto intelectual privado coletivo da humanidade, com algoritmos de busca de padrões cada vez mais sofisticados, enriquecendo o tesouro e maximizando o desequilíbrio de poder entre os interceptores e um mundo inteiro de interceptados. E, então, o Estado ainda refletiria o que aprendeu de volta ao mundo físico, para iniciar guerras, programar *drones*^{*}, manipular comitês das Nações Unidas e acordos comerciais e realizar favores à sua ampla rede de indústrias, *insiders* e capangas conectados.

Mas nós fizemos uma descoberta. Nossa única esperança contra o domínio total. Uma esperança que, com coragem, discernimento e solidariedade, poderíamos usar para resistir. Uma estranha propriedade do universo físico no qual vivemos.

O universo acredita na criptografia.

É mais fácil criptografar informações do que descriptografá-las.

Notamos que seria possível utilizar essa estranha propriedade para criar as leis de um novo mundo. Para abstrair nosso novo reino platônico de sua base composta de satélites, de cabos submarinos e de seus controladores. Para fortalecer nosso espaço por trás de um véu criptográfico. Para criar novos espaços fechados àqueles que controlam a realidade física, porque a tarefa de nos seguir nesses lugares demandaria recursos infinitos.

E, assim, declarar a independência.

* Tipo de veículo aéreo de combate não tripulado. (N. T.)

Os cientistas do Projeto Manhattan descobriram que o universo permitia a construção de uma bomba nuclear. Essa não foi uma conclusão óbvia. Talvez as armas nucleares não estivessem dentro das leis da física. No entanto, o universo acredita em bombas atômicas e reatores nucleares. Eles são um fenômeno abençoados pelo universo, como o sal, o mar ou as estrelas.

De maneira similar, o universo, o nosso universo físico, apresenta essa propriedade que possibilita que um indivíduo ou um grupo de indivíduos codifique algo de maneira confiável, automática e até inconsciente, de forma que nem todos os recursos e nem toda a vontade política da mais forte superpotência da Terra será capaz de decifrá-lo. E as trajetórias de criptografia entre as pessoas podem se fundir para criar regiões livres das forças repressoras do Estado externo. Livres da interceptação em massa. Livres do controle do Estado.

Desse modo, as pessoas poderão se opor a uma superpotência plenamente mobilizada e vencer. A criptografia é uma incorporação das leis da física e não se deixa abalar pela petulância dos Estados nem pelas distopias da vigilância transnacional.

Não está claro se o mundo terá de ser realmente assim. Mas, de uma forma ou de outra, o universo recebe a criptografia de braços abertos.

A criptografia é a derradeira forma de ação direta não violenta.

Enquanto Estados munidos de armas nucleares podem impor uma violência sem limites a milhões de indivíduos, uma criptografia robusta significa que um Estado, mesmo exercendo tal violência ilimitada, não tem como violar a determinação de indivíduos de manter segredos inacessíveis a ele.

Uma criptografia robusta é capaz de resistir a uma aplicação ilimitada de violência. Nenhuma força repressora poderá resolver uma equação matemática.

Mas será que poderíamos pegar esse fato estranho sobre o mundo e amplificá-lo para que ele atue como um elemento constitutivo emancipatório básico para a independência da humanidade no reino platônico da internet? E, à medida que as sociedades mergulham na internet, será que essa liberdade poderia se refletir de volta na realidade física, a fim de redefinir o Estado?

Lembre-se de que os Estados são os sistemas que decidem onde e como as forças repressoras são sistematicamente aplicadas.

A questão de até que ponto as forças repressoras vindas do mundo físico podem se infiltrar no reino platônico da internet é respondida pela criptografia e pelos ideais dos cypherpunks.

À medida que os Estados se fundem com a internet e o futuro da nossa civilização se transforma no futuro da internet, devemos redefinir as relações de força.

Se não o fizermos, a universalidade da internet se fundirá com a humanidade global em uma gigantesca grade de vigilância e controle em massa.

É preciso acionar o alarme. Este livro é o grito de advertência de uma sentinelas na calada da noite.

No dia 20 de março de 2012, em prisão domiciliar no Reino Unido e aguardando a extradição, encontrei-me com três amigos e colegas sentinelas na esperança de que, em uníssono, nossa voz possa despertar a cidade. Precisamos transmitir o que aprendemos enquanto você, leitor, ainda tem uma chance de entender o que está acontecendo e fazer alguma coisa a respeito.

É chegada a hora de pegar as armas deste nosso novo mundo, para lutar por nós mesmos e por aqueles que amamos.

Nossa missão é proteger a autodeterminação onde for possível, impedir o avanço da distopia onde não for possível e, se tudo mais falhar, acelerar sua autodestruição.

Julian Assange
Londres, outubro de 2012